

Lógicas de localização espacial do setor bancário e práticas espaciais dos usuários em Campos dos Goytacazes-RJ

Logics of spatial location of the banking sector and spatial practices of users in Campos dos Goytacazes-RJ

Lógicas de localización espacial del sector bancario y prácticas espaciales de los usuarios en Campos dos Goytacazes-RJ

Samuel Henderson de Faria Santos
Universidade Federal Fluminense
sfaria@id.uff.br

Leandro Bruno Santos
Universidade Federal Fluminense
leandrobruno@id.uff.br

Resumo

No bojo das mudanças na organização econômica, social e técnica desde finais do século XX, as empresas buscaram se articular de maneira diferente, atuando de maneira descentralizada, porém conectada por meio das redes. Com o setor bancário não foi diferente, as agências e as sedes se alteram tanto no que diz respeito às formas quanto à espacialidade em múltiplas escalas. Os avanços da estrutura técnica que permitem os bancos se desconcentrarem e se espalharem pelo território são concomitantes às principais mudanças no capitalismo, que, por meio dos avanços das redes, aumenta seu alcance e circulação. Este trabalho visa compreender as lógicas locais dos grandes bancos e suas implicações nas práticas espaciais dos usuários dos serviços bancários na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ entre meados dos anos 2000 até 2020. Nossos principais resultados mostram uma tendência nacional de diminuição das agências, algo que também se reflete em Campos dos Goytacazes, onde as agências estão situadas nas centralidades mais rentáveis para os bancos, principalmente por estarem próximas ao centro e aos eixos de circulação.

Palavras-chave: Setor Bancário. Redes. Lógicas espaciais. Campos dos Goytacazes.

Abstract

In the midst of changes in economic, social and technical organization since the late twentieth century, companies sought to articulate differently, acting in a decentralized way, but connected through networks. With the banking sector was no different,

branches and headquarters change both in terms of forms and spatiality at multiple scales. The advances in the technical structure that allow banks to deconcentrate and spread throughout the territory are concomitant to the main changes in capitalism, which, through the advances of networks, increases their reach and circulation. This work aims to understand the location logics of large banks and their implications on the spatial practices of users of banking services in the city of Campos dos Goytacazes/RJ between the mid-2000s and 2020. Our main results show a national trend of decreasing branches, something that is also reflected in Campos dos Goytacazes, where branches are located in the most profitable centralities for banks, especially because they are close to the center and the circulation axes.

Keywords: Banking Sector. Networks. Spatial logics. Campos dos Goytacazes.

Resumen

Frente a los cambios en la organización económica, social y técnica desde finales del siglo XX, las empresas han actuado de manera diferente, adoptando formas descentralizadas, pero conectadas por medio de las redes. Con el sector bancario no ha sido diferente, las agencias y las sedes cambian sus formas y espacialidad en múltiples escalas. Los avances de la estructura técnica que permiten a los bancos desconcentrarse y difundir por el territorio son concomitantes a los principales cambios en el capitalismo, que, por medio de los avances de las redes, aumenta su alcance y circulación. Este trabajo busca comprender las lógicas locacionales de los grandes bancos y sus implicaciones en las prácticas espaciales de los usuarios de los servicios bancarios en la ciudad de Campos dos Goytacazes/RJ entre mediados de los años 2000 hasta 2020. Nuestros principales resultados muestran una tendencia nacional de disminución de las agencias, algo que también se refleja en Campos dos Goytacazes, donde las agencias están situadas en las centralidades más rentables para los bancos, principalmente por estar cerca del centro y de los ejes de circulación.

Palabras clave: Sector Bancario. Redes. Lógicas espaciales. Campos dos Goytacazes.

Introdução

No mês de novembro de 2016 foi divulgado o plano de reestruturação do Banco do Brasil que, com base na premissa da modernização do setor bancário, traçou um plano do fechamento de mais de 400 agências. Esse movimento pode ser entendido como marco inicial do processo – ainda em vigor - de reestruturação bancária no Brasil. Esse fechamento em massa de agências demonstra uma nova fase do setor, porém, entre as questões que emergem, nos perguntamos: qual a organização do setor bancário nos anos 2000, em especial na década de 2010? Essa questão não é trivial porque, ao buscar respondê-la, poderemos entender as implicações da digitalização do setor por meio de novos objetos técnicos, como os smartphones por exemplo.

Este artigo traz resultados obtidos com pesquisa realizada entre os anos de 2019 e 2020 sob o fomento da FAPERJ. Nosso objetivo é compreender as lógicas locacionais dos grandes bancos e suas implicações nas práticas espaciais dos usuários dos serviços bancários na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ entre meados dos anos 2000 até 2020. A metodologia abrangeu levantamentos bibliográficos sobre as transformações do sistema capitalista, o setor bancário no Brasil e a expansão urbana de Campos, coleta e sistematização de dados secundários (Banco Central e Federação Brasileira de Bancos) e primários obtidos com pesquisas de campo (observação sistemática, questionários).

Os dados primários foram obtidos através de questionários aplicados junto aos usuários dos serviços bancários. Para a sua aplicação, identificamos as agências bancárias e realizamos uma observação sistemática em todas elas, em diferentes períodos do dia, semana e mês, permanecendo sempre 20 minutos em frente a cada uma delas, para estabelecer um padrão ou regularidade de usos. Em seguida, foi estabelecida a amostra, a margem de erro (5%) e a distribuição dos questionários por agência. A aplicação foi feita obedecendo um sorteio que permitisse certo grau de aleatoriedade.

O texto está dividido em seis partes, incluindo as considerações finais e as referências. A primeira parte analisa os primórdios dos serviços bancários e as principais mudanças do setor no Brasil, incluindo as regulamentações, a expansão e formação de redes nacionais e a digitalização. Na segunda, realizamos uma caracterização histórica de Campos dos Goytacazes, na qual demonstramos a importância do setor de comércio e serviços, especialmente das atividades financeiras, e a distribuição espacial dessas atividades nos centros, subcentros e centralidades. A terceira parte traz a lógica espacial de localização das agências bancárias na cidade de Campos dos Goytacazes, com destaque para as práticas espaciais dos agentes econômicos. A quarta parte contempla os resultados do trabalho de campo junto com os usuários das agências, contendo um detalhamento do perfil, renda, deslocamentos etc. Ao final, constam as considerações finais e as referências.

Breve caracterização das mudanças no setor bancário

O primeiro marco importante do sistema bancário nacional é a criação do Banco do Brasil, que se dá no ano de 1905. Contel (2006) salienta a importância desse banco, pois à época era o único que poderia emitir papel moeda no país. Em 1921, o referido banco iniciou um movimento de interiorização e, sete anos depois, já contava com mais de 73 agências (CONTEL, 2006).

O período pós-guerra é marcado pela expansão das forças produtivas e das relações sociais de produção no Brasil, cabendo ao Estado uma centralidade nesse processo, por meio da criação de órgãos de planejamento, instituições e planos de desenvolvimento (BECKER; EGLER, 2006). O setor bancário não é apenas tributário senão também parte desse processo, porque permite a dilatação da circulação dos capitais pelo território e também a integração dos circuitos do capital. Nesse período, o setor bancário apresenta uma forte expansão, acompanhando o incremento da população urbana. Porém, como Contel (2006, p. 34) afirma, “até o período da segunda guerra mundial, apesar da formação de núcleos urbanos dinâmicos em alguns pontos do espaço nacional, o Brasil tem uma estrutura territorial que pouco contribuiu para a sua integração efetiva”.

Os pontos no território se encontravam “distantes”, pois não havia o principal elemento que iria transformar o setor bancário no país, que seria a configuração de uma rede. Por isso é tão importante o papel do Estado para promover infraestrutura para uma melhor circulação do capital sobre o território. Graças aos investimentos infraestruturais do Estado, a relação entre os objetos e ações se intensificam no sentido que os objetos são

cada vez mais técnicos, dotados de um discurso e intencionalidade e as ações se tornam cada vez mais racionalizadas (SANTOS, 2008).

Durante o período inicial de expansão do setor bancário, no qual não havia uma integração de fato do território, tínhamos um grande número de sedes bancárias e poucas agências controladas por essas sedes. Quer dizer, o setor era bastante fragmentado muito por conta da ausência de redes técnicas que permitissem que os capitais pudessem dilatar suas operações pelo território e, ao mesmo tempo, integrar as operações num único local. A ausência de redes agia obstaculizando o processo de concentração e centralização de capitais dentro do setor.

É no início dos anos 1960, especialmente com a Lei nº. 4595, que temos um marco da expansão bancária no país. A lei estabelecida pelos militares foi mais que apenas uma reforma bancária:

O objeto da Lei 4595 é mais do que uma simples reforma bancária: marca o início de um longo processo de integração financeira do território brasileiro, que nos anos seguintes transformaria a geografia dos bancos, pela constituição de grandes redes bancárias em escala nacional. Em menos de dez anos, mais de trezentas resoluções do Banco Central organizam o SFN. Normas são impostas a fim de restringir a concentração de agências nas maiores cidades do país e favorecer a expansão das redes de agências em direção às áreas até então desassistidas (DIAS; LENZI, 2009, p. 99).

Nesse período se inicia a massiva concentração bancária no Brasil, processo que se dá prevalentemente pela aquisição e fusão entre bancos, com diminuição dos agentes econômicos concorrendo dentro do setor (centralização do comando). Os bancos se espalham pelo território nacional e nota-se uma concentração em torno de algumas grandes redes, tais como Bradesco, Bamerindus, Unibanco. O período que compreende os anos 1980 e 1990 é o início da grande concentração bancária do país e, especialmente, representa um modelo de diminuição de sedes, agências menores e pulverizadas por todo o território nacional.

Dias; Lenzi (2009) compilam informações sobre a privatização de bancos importantes nos anos 1990, principalmente os estaduais Banespa, Banerj, Banco Estadual da Bahia (um dos primeiros bancos do país), entre outros, que foram incorporados em leilões de privatização por bancos como Itaú, Bradesco, Banco Real e Santander. Essa privatização de vários bancos estaduais dava a possibilidade aos bancos privados de atuarem sob uma lógica estritamente lucrativa e, por esse motivo, se assistiu ao fechamento de várias agências antes pertencentes a bancos estaduais que eram mantidas em funcionamento apesar da baixa lucratividade.

O período recente que marca esta pesquisa, especialmente após 2007, é caracterizado pela consolidação da internet, smartphones e dos ATM (Automatic Teller Machine, também conhecidos como Caixas Eletrônicos), que se espalharam por todo o país, muita das vezes substituindo agências. Estas, desde os anos de 2010, tendem a

apresentar crescimento tímido e até mesmo uma diminuição. Segundo o jornal Nexo, em 2018, das 21.874 agências em funcionamento no país, 86% delas estavam concentradas nos cinco principais bancos do País: Itaú, Banco do Brasil, Bradesco, Caixa e Santander. É alarmante ver que o sistema bancário e toda sua tessitura sobre o território está nas mãos de um oligopólio de apenas cinco instituições.

A concentração bancária recente no Brasil revela alguns traços novos, pois, após um período de grande avanço do setor, que se deu em grande parte por meio de expansão orgânica (abertura de novas agências), o que se nota é a centralização de capitais - fusões e aquisições – que implica numa crescente concentração do setor e também no fechamento de estabelecimentos. Exceção a esse movimento tem sido a Caixa Econômica Federal e as cooperativas de crédito, que têm mantido ou incrementado sua atuação por meio de novas agências e postos de atendimento.

A partir de 2016, é evidente, em todos os casos, a estagnação/diminuição do número de agências no país. Este fato nos intriga e nos faz pensar que estamos vivenciando um novo momento no setor bancário, o qual reflete a consolidação do *internet banking* e das transações pela internet. É bem mais lucrativo para os bancos transferirem seus investimentos para a expansão das transações pela internet do que manter agências abertas. Inúmeras têm sido as aquisições de *fintechs* ou mesmo sua criação sob o comando dos grandes bancos.

Um dos primeiros a realizar o fechamento de agências e a priorizar aplicativos bancários foi o Banco do Brasil que, em 2016, encerrou as operações de mais de 400 agências e transformou mais de 300 em pontos de atendimento. Em compensação, buscou investir em meios digitais. Na mesma direção, os grandes bancos anunciaram o fechamento mais de 1200 agências até o final de 2020 para concentrar suas ações nos meios digitais. É interessante porque até mesmo os caixas eletrônicos multibancos, como o banco24h, estão em ritmo decrescente (figura 1).



Figura 1: Quantidade de ATM's no Brasil de 2006 até 2018

Fonte: BC. Org: Samuel Henderson, 2022

O movimento de expansão do número de caixas eletrônicos no início dos anos 2000 parece ter uma inflexão a partir de 2014, quando observamos a diminuição do número desses fixos pelo território. Em contrapartida, o número de transações por meio não presencial cresce exponencialmente ano após ano (figura 2).



Figura 2: Comparação entre transações por meio presencial e não presencial 2009-2017

Fonte: BC. Org: Samuel Henderson, 2022

Desse modo, fica evidente que os usos estão se alterando e os grandes bancos, antes detentores de todos os serviços bancários, agora se defrontam com a emergência dos bancos digitais, como Nubank, Neon, C6, Sofisa etc. Esses novos agentes e as novas formas de concorrência têm impelido os grandes bancos tradicionais a reorientar suas estratégias de atuação, seja por meio da compra de bancos digitais ou pela criação desses bancos, como o Digio (Bradesco e Banco do Brasil) e o Next (Bradesco).

Mas devemos nos atentar que as mudanças promovidas pelos bancos são também espaciais e sabemos que o Brasil é um país extremamente desigual e que grande parcela da população não foi inserida nem mesmo nos bancos físicos, passando ao largo dos bancos digitais e da era de digitalização. Outras implicações dessa digitalização perpassam pela exclusão bancária com a digitalização e fechamento de agências em cidades pequenas, especialmente em regiões com pouco dinamismo econômico onde as agências operam com baixos retornos.

Caracterização de Campos dos Goytacazes: formação histórica e consolidação de centro, subcentros e centralidades

Campos dos Goytacazes, localizado no Norte do Estado do Rio de Janeiro (figura 3), possui uma população de 483.551 habitantes (Censo 2022) e ocupa uma área de 4.026,69 km², constituindo-se no principal centro urbano no norte fluminense, com atividades econômicas de comércio e serviços que polarizam o Norte e Noroeste Fluminense, além de cidades de Minas Gerais e Sul do Espírito Santo (IBGE, 2018).

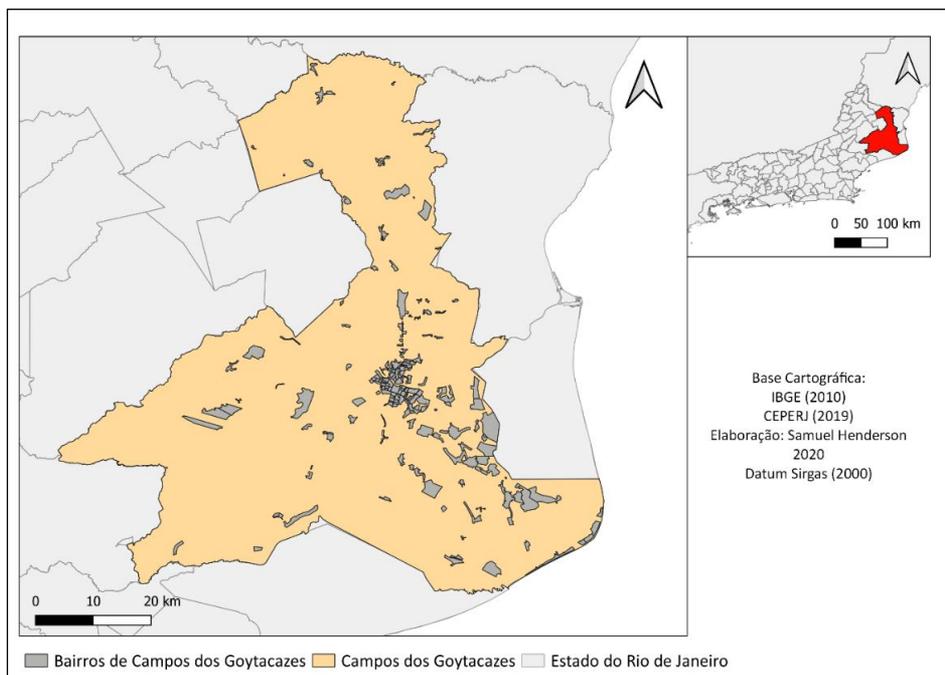


Figura 3: Localização de Campos dos Goytacazes/RJ

A principal atividade econômica motora de Campos dos Goytacazes, no século XIX, pode ser creditada à expansão da produção açucareira, atividade com mais de quatro séculos, datando da colonização. Com a modernização dos antigos engenhos a vapor, o município tornou-se, na primeira metade do século XX, o segundo maior produtor de cana do país e com maior número de estabelecimentos industriais do Norte Fluminense. Com a decadência da lavoura de cana nos anos 1960, interrompida pelo Proálcool, e aprofundada no final dos anos 1980, Campos dos Goytacazes passou por estagnação, desemprego e aumento da pobreza, agravando o tradicional quadro de concentração de renda (CRUZ, 2007).

É em finais dos anos 1980 que o Norte Fluminense, especialmente Campos dos Goytacazes, passa a receber investimentos na exploração do petróleo. Com o aumento exponencial da exploração e o crescimento dos royalties e participações especiais nos anos 1990, o município recebeu um acréscimo significativo receitas em seu orçamento. O Produto Interno Bruto (PIB) do município de Campos dos Goytacazes, no ano de 2020, apresenta a seguinte distribuição setorial: setor de serviços/comércio com R\$ 9,3 bilhões, seguido pela indústria com R\$ 9,2 bilhões, administração pública, com R\$ 3,9 bilhões e, com menor destaque, a agropecuária, com R\$ 243.709,17. A relevância da indústria tem a ver com a exploração de petróleo, cujas receitas são contabilizadas como setor secundário.

Atualmente, a atividade econômica de cana de açúcar, apesar de existente, com a operação de três usinas, perdeu relevância. Os impactos promovidos pela atividade petrolífera não somente no município, mas também em todo o estado do Rio de Janeiro, alteraram a dinâmica econômica e espacial dos municípios fluminenses, particularmente do Norte do estado. Dados da RAIS/CAGED mostram que, dos 85.094 postos de trabalho formais em 2021, 36.854 foram gerados nos serviços, seguido de comércio (22.894), administração pública (16.035), indústria de transformação (7.357), construção civil (3.080), entre outros. No setor de serviços, as instituições financeiras respondem por 1.490 postos de trabalho - 1,75% do total de empregos ou 4,04% dos empregos do setor de serviços.

Nos últimos anos, a cidade de Campos dos Goytacazes apresentou uma oscilação no número de estabelecimentos e de empregos formais gerados por instituições financeiras, seguros e atividades afins (tabela 1), trazendo ainda mais importância para o estudo dessa dinâmica do setor bancário, das lógicas locacionais das atividades bancárias e sua participação na reestruturação urbana e da cidade.

Tabela 1: Estabelecimentos e empregos de instituições financeiras em Campos dos Goytacazes (2012-2021)

IBGE Subsetor	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Estabelecimentos	86	83	88	88	89	91	92	93	80	86
Empregos	1.383	1.359	1.432	1.430	1.277	1.246	1.428	1.469	1.289	1.490

Fonte: RAIS/CAGED, 2023.

Os estabelecimentos financeiros e atividades afins são compostos por 13 instituições com atuação em Campos dos Goytacazes: Banco Bradesco financiamentos, Banco Bradesco, Banco do Brasil, Banco Santander, Caixa Econômica Federal, Confidence Corretora de Câmbio, Sicoob Fluminense, Sicoob Sul, Sicoob Coopjustiça, Da Casa financeira, Embrakon Financeira, Itaú Unibanco, Unicred Norte lagos (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2018). No nosso entendimento, algumas dessas instituições financeiras, em especial os bancos comerciais múltiplos, em suas estratégias de localização dos estabelecimentos pelo espaço intraurbano de Campos dos Goytacazes, têm sido atraídos (ao mesmo tempo que reforçam) pelo centro e pelas centralidades na cidade.

Sposito (1991) define o centro como:

Ele é antes de tudo ponto de convergência, é o nó do sistema de circulação, é o lugar para onde todos se dirigem para algumas atividades, e em contrapartida é o ponto de onde todos se deslocam, para a interação destas atividades af localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela. Assim, o centro pode ser qualificado como integrador e dispensor ao mesmo tempo (SPOSITO, 1991, p. 46).

O centro seria um nó, o lugar central de uma cidade, isto não significa necessariamente ser o centro geográfico (SPOSITO, 1991), mas é o centro que integra e

dispersa os mais diversos fluxos da cidade. Após esta discussão, a autora discorre sobre a expansão urbana e como ela influencia a emergência das novas centralidades. Ela define como marco da expansão urbana os anos após 1970, quando há uma expansão urbana das cidades brasileiras. Porém, sabemos que o espaço não é homogêneo, pelo contrário, é repleto de desigualdade e é heterogêneo, pois o sistema capitalista, por ser desigual em sua lógica e essência, reproduz e produz a desigualdade espacialmente.

A partir desta expansão, podem surgir adensamentos populacionais mais distantes do centro e este adensamento acaba por trazer a emergência de subcentros. Ela define subcentro como “como áreas onde se alocam as mesmas atividades do centro principal com diversidade comercial e de serviços, mas em escala menor, e com menor incidência de atividades especializadas” (SPOSITO, 1991, p.49). As usinas em Campos dos Goytacazes contribuíram para a consolidação de um subcentro e de distritos mais distantes do centro histórico.

Também é importante o conceito de centralidade. Sempre quando pensamos no sufixo “*dade*”, estamos falando de qualidade, de estado, ou seja, centralidade pode ser entendida como a qualidade de ser central, ou a capacidade de centralizar, ser central. Como afirma Sposito (2018, p. 73): “a centralidade para mim não é um lugar ou uma área da cidade, mas sim, uma condição e expressão de central que uma área pode exercer e representar”. A partir disso, somos levados a compreender multicentralidade e policentralidade. A primeira seria a capacidade de uma cidade com muitas áreas centrais, ou mais uma no caso, fugindo de uma abordagem de uma cidade monocêntrica/unicêntrica, onde o centro perde sua força como centro único da cidade. A segunda seria a combinação da multicentralidade, porém com mudanças nos padrões espaciais mais profundas, alterando as estruturas espaciais vigentes da cidade (SPOSITO, 2018).

A expansão dos serviços como um setor importante para a economia da cidade e a expansão urbana podem ser elencados como fatores importantes para compreender as novas áreas centrais e a transformação de Campos dos Goytacazes numa cidade marcada pela Multi(poli)centralidade (BATISTA, 2018). A expansão urbana começa com o esvaziamento das moradias das elites do centro para novos locais como a Pelinca por exemplo, durante meados do século XX, com a instituição de infraestrutura e condomínios verticais no bairro. Outro marco foi o prolongamento da Avenida 28 de Março para atender bairros antes não conectados ao centro, como o Turf, e para conectar a baixada campista, que engloba distritos como Goitacazes, um caso típico de um subcentro que se desenvolveu por adensamento populacional e dificuldades para se conectar com o centro.

O distrito de Guarus está ligado ao processo de expansão urbana e o Jardim Carioca, uma das principais áreas centrais desta localidade, mantém ligação com o centro histórico da cidade na margem norte do Rio Paraíba do sul, estando separados pelo curso d’água do centro da cidade. Assim como Goitacazes, Jardim Carioca se estabeleceu como um subcentro, com serviços diversos para a população que vivia no bairro e nas suas imediações (BATISTA, 2018).

Campos dos Goytacazes, pelo porte e papel que exerce na rede urbana, possui vários centros e centralidades, cada um deles com sua lógica e funcionalidade, seja o centro histórico, mais antigo e que concentrava de certa forma grande parte das atividades financeiras, sejam os centros mais recentes que se desenvolvem mais distantes do centro histórico, mas exercendo um papel fundamental para o local onde está estabelecido (BATISTA, 2018). Interessante que as áreas centrais identificadas e analisadas por Batista (2018) convergem com as principais áreas que possuem centralidade bancária em Campos dos Goytacazes: Centro, Pelinca, Turf (28 de Março), Jardim Carioca e Goitacazes.

As atividades financeiras acabam estabelecendo uma relação paradoxal no que diz respeito aos centros e centralidades. A complexidade (ou não) como ocorre a distribuição bancária sobre o espaço intraurbano é intrigante, pois, ao mesmo tempo que os bancos exercem um papel fundamental para desenvolver novas centralidades, um banco dificilmente irá se estabelecer em um local onde não há um certo nível de adensamento de atividades que constituem/constituirão uma nova centralidade.

Lógica locacional de instalação dos equipamentos bancários em Campos dos Goytacazes

Corrêa (2007, p. 68) afirma que as práticas espaciais “constituem ações espacialmente localizadas, engendradas por agentes sociais concretos, visando a objetivar seus projetos específicos”. Ou seja, são as ações de diversos agentes sociais que modificam e constroem o espaço urbano, porém com caráter espacial e temporal mais limitado, o que diferenciaria as práticas espaciais dos processos espaciais (CORRÊA, 2007, p. 68). Entre as práticas espaciais, temos seletividade espacial, fragmentação-remembramento espacial e antecipação espacial. Elas podem ocorrer mutuamente e uma não anula a outra.

Cada uma dessas práticas possui seu significado particular: a seletividade se dá com a escolha de espaços em detrimento de outros para a realização do objetivo do agente social, que pode ser influenciado por diversos fatores, como mão de obra, matéria-prima, infraestrutura, isenções etc. O segundo diz respeito a fragmentar o espaço urbano em parcelas menores. O remembramento traz um caráter de lembrar unidades como um “mosaico” (CORRÊA, 1992). O autor afirma que “fragmentação e remembramento espacial são práticas distintas que podem ser adotadas por uma dada corporação no mesmo momento, mas em diferentes áreas” (CORRÊA, 1992). A antecipação seria o estabelecimento de um agente em um local antes mesmo que haja as condições necessárias para sua reprodução.

Neste trabalho, nossa preocupação é compreender as práticas espaciais dos agentes econômicos atuantes no setor bancário em Campos dos Goytacazes e como isso afeta as práticas e interações espaciais dos usuários. A figura 4 mostra que os bancos estão todos concentrados nas áreas limítrofes do centro, ao ponto que se parece com um desdobramento do próprio centro, mas que visam captar fluxos dos bairros – alguns com centralidades, seja de serviços, residenciais etc. – de pessoas que passam de veículos, a pé, bicicleta. E vemos, no canto inferior direito do mapa, a localidade de Goitacazes que,

como afirmamos, se trata de um subcentro, um local com os mesmos serviços do centro, porém em escala menor.

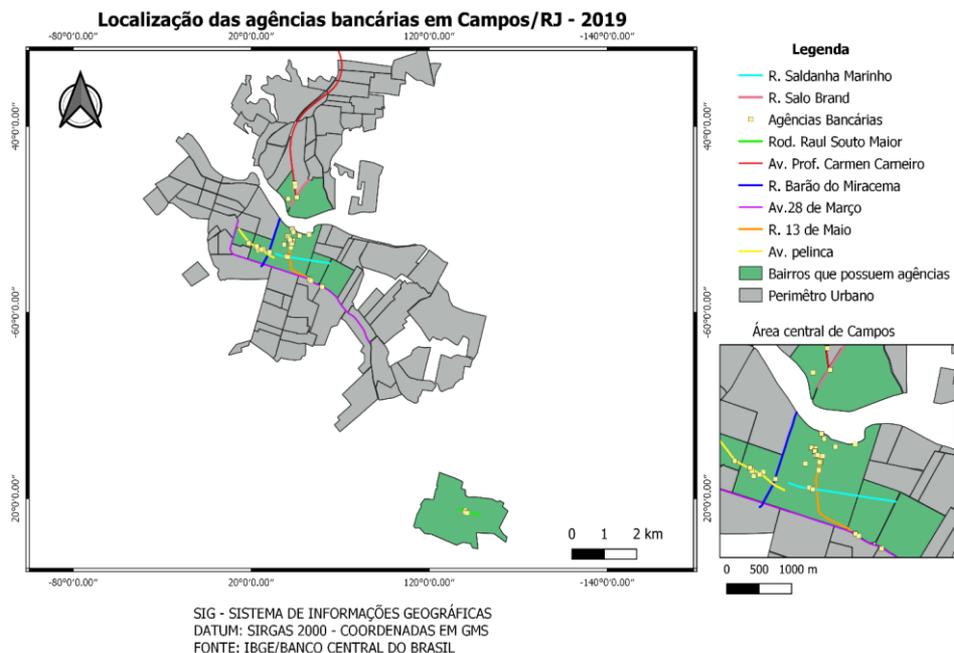


Figura 4: Localização das agências bancárias Campos dos Goytacazes/RJ 2019

Para fins de compreensão das mudanças locacionais dos equipamentos bancários, fizemos uma comparação dos dados de 2007 e 2019 (figura 5). Observamos que as agências no centro e na Pelinca se mantêm, com alguns casos específicos, porém o Turf (localidade à direita do mapa) e o Jardim Carioca (localidade na parte superior do mapa) começam a ter centralidade a partir dos anos 2007 (a expansão é marcada pelos triângulos amarelos).

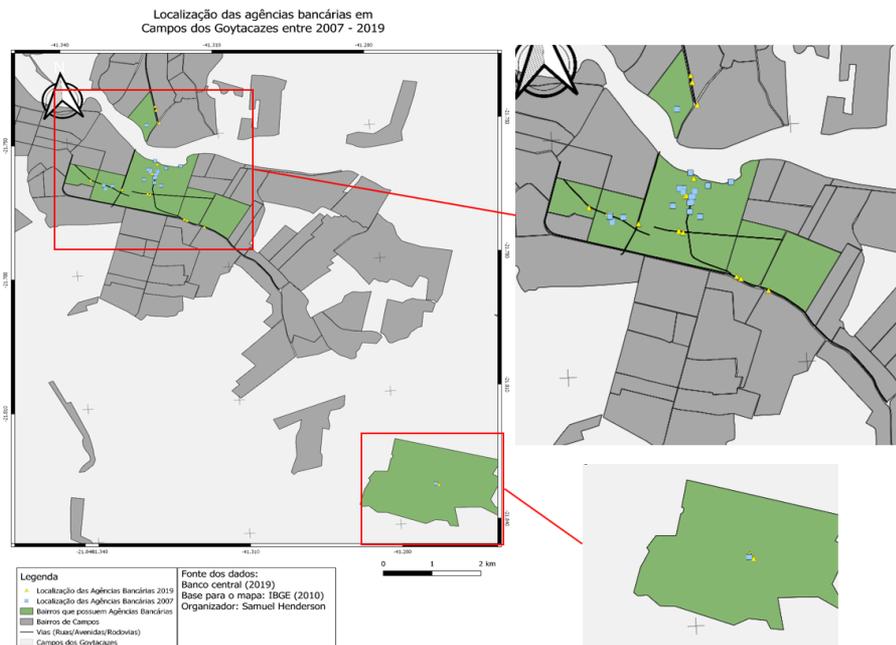


Figura 5: Comparação das agências entre 2007 e 2019

Notamos, no período, uma expansão espacial dos serviços bancários na cidade de Campos. Essa expansão das agências e sua localização fora do centro mostra um padrão que segue a lógica zonal (subcentro Goytacazes) e principalmente de eixos, posto que muitas agências bancárias são instaladas na 28 de Março, na Avenida Pelinca, Avenida Tancredo Neves, Avenida Profa. Carmem Carneiro e na Avenida Senador José Carlos Pereira Pinto, entre outros. Esse padrão locacional confirma a preferência dos bancos pelas centralidades comerciais e de serviços identificadas por Batista (2018) e Batista; Santos (2018), mostrando uma prática de seletividade espacial, tendo em vista a busca por lugares com forte atração de fluxos.

Porém, dados mais recentes, começam a mostrar uma queda no número de equipamentos bancários e o fechamento de agências na cidade, principalmente no centro, onde se concentram a maioria dos estabelecimentos. A figura 6 evidencia a evolução bancária em Campos dos Goytacazes de agosto de 2007 a dezembro 2019. Nota-se o início de uma queda em 2019, que é aprofundada com a pandemia da Covid 19 e as estratégias de digitalização adotadas pelos grandes bancos.

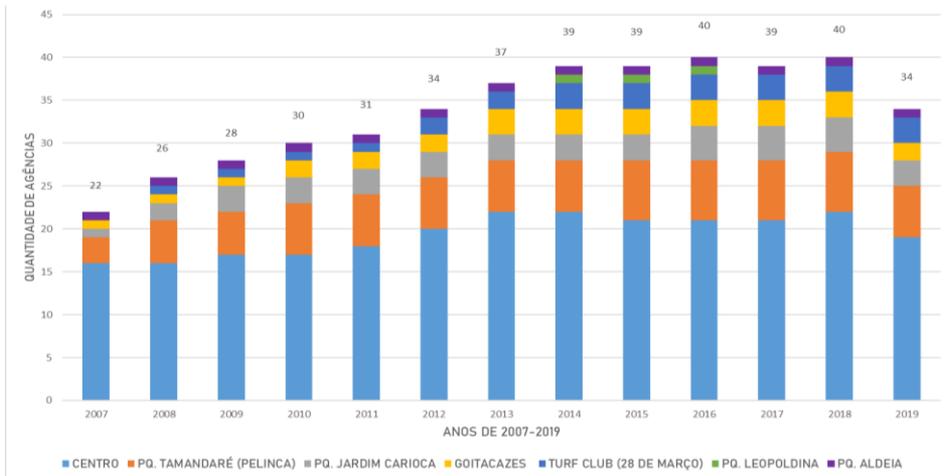


Figura 6: Evolução do número de agências bancárias por bairro em Campos dos Goytacazes (2017-2019)

Fonte: BC. Org: Samuel Henderson, 2022

Além da redução das agências, o que se observa é a lógica de concentração dos equipamentos bancários no centro. Ou seja, a expansão por subcentros e centralidade, por mais que tenha promovido a inserção de outros bairros, ainda é marcada pela concentração no centro e suas proximidades. Essa concentração tende a ser reforçada nos anos após a pandemia, com a transformação de agências em pontos de autoatendimento e a consolidação das agências do centro como equipamentos para atendimento de todos os serviços bancários.

Quer dizer, se antes havia um movimento de dilatação pelos subcentros e centralidades adjacentes a eixos de circulação, agora o que estamos verificando é uma contração com a refuncionalização ou fechamento de agências e o fortalecimento de agências no centro para o atendimento de um público cada vez maior e oriundo de localidades mais distantes. Essa prática espacial de remembramento reflete a busca insidiosa pelo lucro das unidades adotada pelos bancos e agrava uma perversidade numa cidade que sofre com o problema do acesso ao transporte coletivo.

Em termos percentuais (figura 7), podemos entender melhor como se dá a concentração bancária em Campos dos Goytacazes.

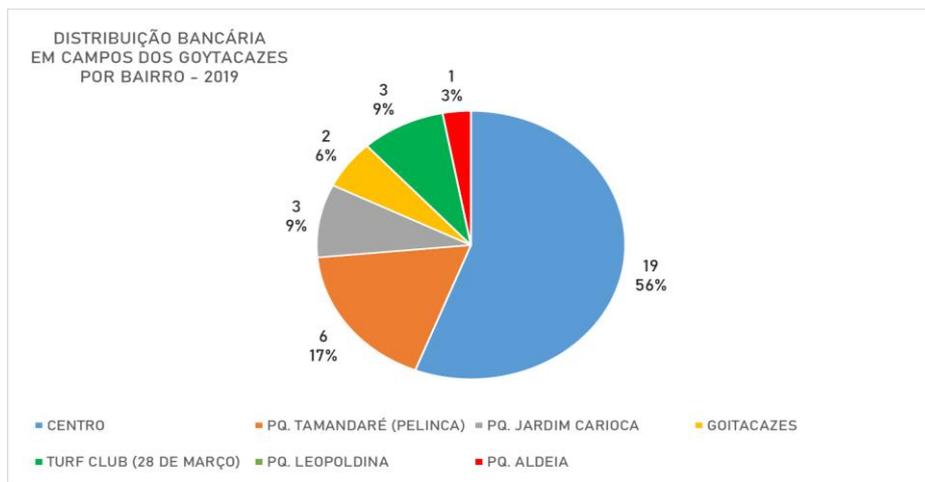


Figura 7: Localização das agências bancárias por bairro em 2019
 Fonte: BC. Org: Samuel Henderson, 2022

Com relação à centralização dos capitais, temos a fusão e aquisição de bancos como o Unibanco, Banco Real, HSBC, ao ponto que apenas cinco bancos concentram 94% das agências (figura 8) na cidade de Campos dos Goytacazes. Isso porque, nos dados do Banco Central (BC), instituições financeiras como a Da Casa financeira entram no mesmo dado, pois, se fossem considerados apenas os bancos, seria um percentual de 100% das agências controladas por cinco bancos, já que cooperativas de crédito não são contabilizadas nos dados do BC.

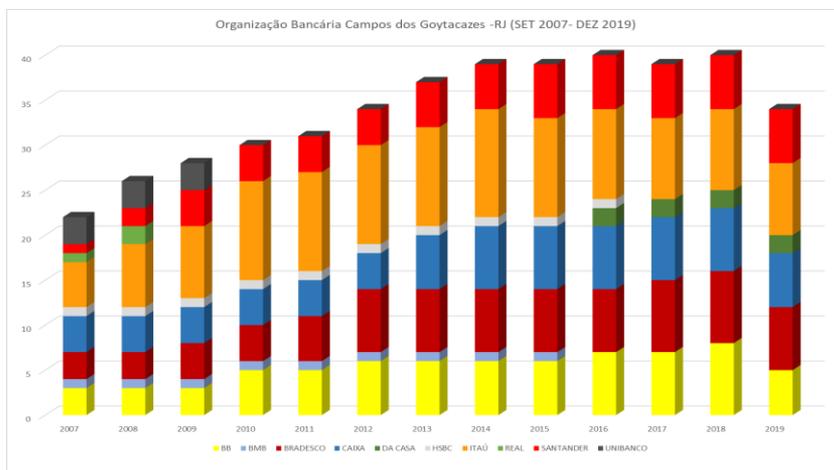


Figura 8: Distribuição bancária em Campos dos Goytacazes em 2019
 Fonte: BC. Org: Samuel Henderson, 2022

Observamos que Campos dos Goytacazes tinha 22 agências concentradas em 9 bancos no ano de 2007, uma média de 2 agências por banco. Em 2019, o número de agências é de 34, sendo controladas por 6 bancos, uma média de 5 agências por banco. Trata-se obviamente de uma média que indica concentração maior de agências em poucas mãos, porque uma análise mais detalhada mostra que o Banco do Brasil concentra cada vez menos agências, voltando-se ao patamar de 2010 com apenas cinco agências. Embora seja de controle misto, este banco adota as mesmas lógicas (retorno financeiro das unidades, digitalização, redução de estabelecimentos etc.) dos bancos privados.

Podemos concluir, com base nos dados aqui analisados, que as agências bancárias se espalharam de forma seletiva pelo espaço urbano de Campos dos Goytacazes, privilegiando locais com acessibilidade e intermediação (BATISTA; FERREIRA; SANTOS, 2021), quer dizer, a instalação se deu buscando os eixos de circulação e a concentração de atividades comerciais e de serviços em centralidades já existentes. Tal prática espacial está aliada a outras condições dos demais agentes econômicos, resultando em um processo espacial de concentração (CORREA, 2007), que é o que observamos nas centralidades da cidade.

A seletividade espacial também foi combinada com a antecipação espacial, a qual ocorre quando um banco se instala em um local onde ainda não há uma agência e, logo em seguida, outras agências de outros bancos tendem a ser instaladas em suas proximidades. Os agentes se antecipam a uma demanda ou à existência de condições necessárias para sua instalação. Como define Correa (2007, p. 70), “esta prática é definida pela localização de uma atividade em local antes que condições favoráveis tenham sido satisfeitas”.

Esse movimento de expansão tem sido alterado recentemente e, inclusive, percebemos uma contração do processo anterior, com fechamento e refuncionalização das agências no sentido de fortalecer os equipamentos bancários existentes no centro, refletindo a lógica mais geral dos bancos de diminuir o número de agências e investir mais em soluções digitais. Estamos assistindo a um “abandono de lugares que anteriormente foram considerados atrativos e que participaram efetivamente da rede de lugares da corporação: trata-se da marginalização espacial” (CORRÊA, 1992, p. 39). Como exemplo temos o fechamento da agência da caixa na rua Saldanha Marinho e, em frente à antiga agência da Caixa, a agência do Bradesco encerrou suas atividades, tornando essa área sem a presença de agências bancárias.

Práticas espaciais dos usuários dos serviços bancários em Campos dos Goytacazes

Entendemos que as novas estratégias espaciais de localização dos equipamentos bancários redefinem as práticas espaciais dos cidadãos que usam tais serviços, especialmente numa cidade como Campos dos Goytacazes, cuja população se distribui de maneira desigual pelos distritos e por um tecido urbano descontínuo, porém articulado. Os agentes econômicos que atuam no setor bancário, com suas ações em diferentes escalas (abertura e fechamento de agências, refuncionalização e digitalização, segmentação dos equipamentos bancários por renda etc.), reforçam o processo de diferenciação socioespacial.

A preocupação com as variações espaciais ou diferenciação de áreas sempre esteve no centro dos estudos geográficos (CORRÊA, 2007). Se até finais do século XIX,

as diferenças socioespaciais resultavam de manifestações socioculturais e do pequeno desenvolvimento das forças produtivas e relações sociais de produção capitalistas, a partir da segunda metade do século XX o capitalismo, em sua fase monopolista e depois financeira, aprofunda as interações espaciais e também as diferenciações nas escalas da rede urbana e do espaço urbano (CORRÊA, 2007).

Esses dois níveis conceituais não são dicotômicos, ao contrário, eles são complementares apresentam conexões, tendo em vista que processos que se dão na escala da rede urbana se materializam nas cidades e, ao mesmo tempo, as mudanças na escala da rede urbana correm muitas das vezes por ações e decisões de empresas cujas sedes estão localizadas nas cidades (CORRÊA, 2003, p. 136). Em outro trabalho, Corrêa (2007, p. 64) reafirma que “objetos e ações que ocorrem em uma das escalas estão relacionados a objetos e ações que ocorrem na outra” (CORRÊA, 2007, p. 64).

Na escala da rede urbana, notamos que os grandes bancos, depois do movimento de expansão dos equipamentos bancários (agências, pontos de autoatendimento, correspondentes bancários), têm reorientado suas ações no sentido de maior digitalização e diminuição ou fechamento de operações. Na escala da cidade, esse processo se materializou, inicialmente, sob a forma de dilatação dos equipamentos para localidades no entorno do centro, nos principais eixos de circulação, subcentros e centralidades. Atualmente, observamos uma dinâmica contrária em Campos dos Goytacazes, mediante refuncionalização e fechamento de agências e maior concentração e importância na oferta de serviços por agências situadas no centro.

No sentido de verificar as implicações dessas mudanças nas práticas espaciais dos cidadãos usuários dos serviços bancários, nos apoiamos nos aportes metodológicos de Oliveira (2015) quanto à observação de campo e ao modelo de questionário, porém, ajustamos as questões, incluindo internet banking, renda e escolaridade. Realizamos contagem do fluxo de pessoas que utilizavam os bancos, por questões de mobilidade, já que as observações foram feitas em sua maioria do tempo sozinho (com exceção de Goitacazes). O tempo de realização de observação sistemática em frente às agências, a fim de aferir a quantidade de pessoas que entravam no estabelecimento, abrangeu um período de 10 minutos. Uma mesma agência foi observada duas vezes. O horário foi definido por meio de sorteio eletrônico, com o intuito de não condicionar a análise.

Foram analisados os bancos do centro histórico (10 no total), Pelinca, Turf, Jardim Carioca em Guarus e Goitacazes. Os dias escolhidos foram a terceira e quarta semana de outubro, para não condicionar a observação apenas para os primeiros dias do mês, quando o fluxo é muito acima da média. Além disso, foi escolhido o horário de 10h até 14h para fazer as contagens, em alguns casos terminando após o horário estipulado, em outras áreas terminando de forma antecipada. Cada dia foi escolhido para uma área central. Não foram seguidos estritamente os dias, pois em alguns deles houve fatos que não trariam bons resultados para amostra, como chuva forte e feriados.

No total foram observadas 1.514 pessoas no período de 20 minutos, uma média de 757 por 10 minutos ou 75 pessoas por minuto. Isso como média geral, já que 698 de

1.514 se concentraram no centro, 400 na Pelinca, 142 no Turf (28 de Março), 119 em Goitacazes e 155 no Jardim Carioca. Após esta observação sistemática, foi realizada uma observação dos arredores das agências bancárias, onde se percebeu que cada local possui sua centralidade, umas em maior grau outras em menor.

O centro possui a centralidade maior por ser o centro histórico da cidade, a Pelinca é uma grande centralidade no setor de serviços de vendas e alimentação, enquanto o Jardim Carioca e o Turf se assemelham pela presença de serviços idênticos, como farmácias, padarias e supermercados, além de estarem localizados em importantes avenidas da cidade - um na Avenida 28 de Março (Turf) e o outro na descida da ponte Leonel Brizola, que estabelece a conexão com a BR-101 (Jardim carioca).

Com os resultados das observações foi possível estabelecer o número de questionários, no total foram aplicados 142, obedecendo o mínimo de 126 questionários que correspondia a uma taxa de confiança de 90% e uma margem de erro de 7%. Os questionários foram proporcionais segundo a quantidade de observações por área central. Foram aplicados de segunda à sexta na terceira e quarta semana dos meses de novembro, dezembro e janeiro.

Os resultados atingidos demonstram o perfil dos usuários, sexo, idade, de onde vem, qual a principal operação que realizam, o motivo de escolherem a agência, se conhecem e utilizam o internet banking, se realizam compras nos arredores (para vermos a centralidade das áreas analisadas), a escolaridade e a renda. Todas as pesquisas foram anônimas e nenhum dado além destes foi obtido dos entrevistados.

De maneira geral, a média de idade dos usuários é de 46 anos e a mediana é de 48 anos, ou seja, 50% dos usuários possuem menos de 46 anos e a outra metade possui mais de 48 anos, bem próxima da média. O público jovem, em sua maioria, costuma utilizar pouco o banco, por isso não foram captados nos dias das entrevistas. Outro ponto importante tem a ver com a locomoção, ou seja, como as pessoas costumam ir até a agência (figura 9).

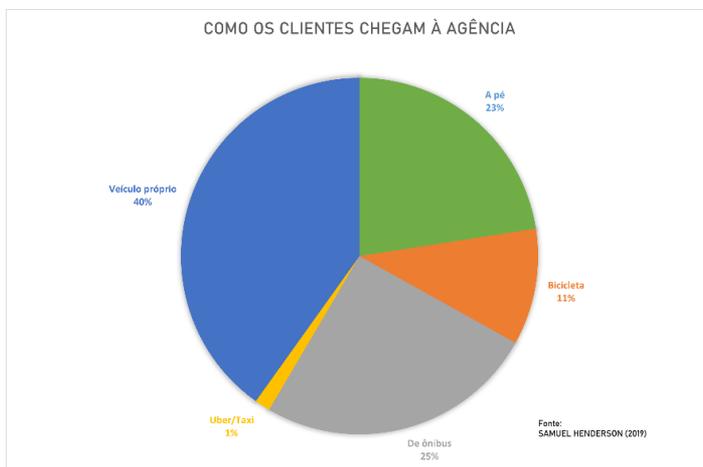


Figura 9: Como as pessoas se locomovem até à agência
Fonte: Samuel Henderson, 2022

A locomoção traz um traço marcante que é a presença do veículo, também temos a presença do ônibus e a pé, que totalizam quase 58%. É interessante que a bicicleta tem um percentual nada negligenciável, mas são poucas agências que contam com bicicletário. As agências situadas nos eixos de circulação contam com estacionamentos próprios ou com pontos de ônibus nas proximidades, o que, de alguma forma, facilita o acesso ao equipamento bancário.

Dos entrevistados, 119 dizem conhecer aplicativos de banco para celular e 23 responderam que não, porém conhecer não significa necessariamente utilizar, já que apenas 54% dos 142 entrevistados utilizam o internet banking (figura 10). O principal motivo para as pessoas não utilizarem o internet banking é não achar seguro, com 48%, seguido pela falta de interesse (24%). Esses dados precisam ser situados no seu espaço e tempo, pois foram obtidos em finais de 2019, antes da pandemia da covid 19 e das estratégias forçadas de digitalização, impelindo muitos beneficiários da política de auxílio emergencial, aposentados e pensionistas e usuários em geral do sistema financeiro a se digitalizarem.

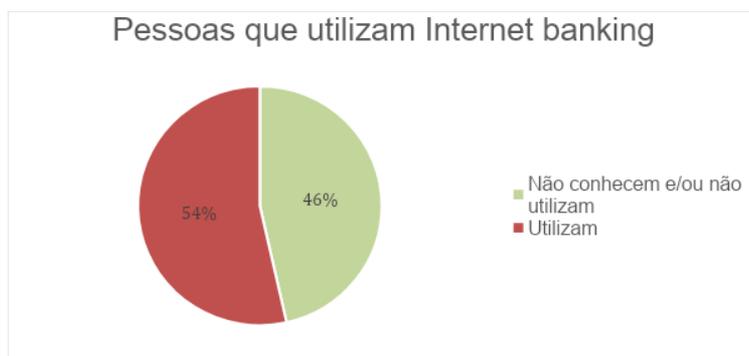


Figura 10: Pessoas que utilizam internet banking.
Fonte: Samuel Henderson, 2022

Quanto à renda, 59% dos entrevistados recebem de 1 a 3 salários mínimos, 16% de 3 a 5 salários mínimos, e apenas 6% acima de 10 salários mínimos. Nenhum destes 6% se encontram em Goitacazes, Jardim Carioca, todos estão nas agências Centro ou Pelinca, exceto um entrevistado no Turf. O que evidencia a grande disparidade de renda e concentração espacial da renda na cidade, algo já mostrado por Claudio; Santos (2019). Os dados de escolaridade mostram 35% dos entrevistados com o Ensino médio completo e 30% com o ensino superior completo. Cerca de 10% dos entrevistados não possuem o fundamental completo, ou seja, não concluíram a oitava série.

Especialmente falando, os usuários são oriundos de diversos lugares. Por isso é importante um olhar por áreas analisadas para verificar a centralidade (ou não) das agências. No centro, foram registradas pessoas de 35 bairros diferentes, sendo que de 60 pessoas, apenas 8 eram do centro. Na Pelinca, dos 38 entrevistados, 7 eram provenientes desse bairro, registrando 19 bairros diferentes. Porém, somando os 7 usuários da Pelinca

com os 9 do centro, temos 16, cerca de 40% dos usuários da Pelinca são do Centro ou da própria Pelinca. Na 28 de Março (Turf), dos 17 entrevistados, 7 são do próprio bairro e foram registrados 11 de bairros diferentes. No Jardim Carioca, dos 18 entrevistados, 7 são desta área e 10 de bairros diferentes. Em Goitacazes, dos 9 entrevistados, apenas 3 são de Goitacazes, e foram registrados 6 bairros diferentes.

O que podemos concluir é que, de certo modo, cada área central onde estão os bancos exerce sua centralidade. O centro é o que possui maior força gravitacional e maior alcance, sendo que apenas 13% dos usuários são do centro. A Pelinca já possui uma centralidade mais próxima, atendendo aos moradores da Pelinca e do centro, porém muitos dos usuários de outros bairros, na verdade, estão no trabalho na Pelinca, o que pode tornar a concentração entre Centro e proximidades ainda maior no que se refere à origem das pessoas que utilizam os bancos no bairro nobre da cidade.

O Turf e o Jardim Carioca confirmam o que havíamos mencionado anteriormente sobre suas centralidades similares, pois possuem um alcance menor, concentrando quase metade dos entrevistados no próprio bairro. Goitacazes é um subcentro em tamanho menor, pois apenas 1/3 dos entrevistados são de Goitacazes, os demais entrevistados são de outros bairros, cidades e distritos mais distantes, atuando como uma centralidade bancária relevante para a baixada campista, bem como para condomínios (Alphaville) e bairros próximos (Donana e Imperial).

Outro fator que caracteriza as centralidades tem a ver com o consumo. Em Goitacazes, 8 dos 9 entrevistados consomem em Goitacazes, especialmente no SuperBom, principal mercado da região que possui uma filial em Goitacazes. Já no Centro, 60% dos entrevistados dizem fazer compras após irem aos bancos. Na Pelinca, temos um panorama parecido com o centro, cerca de 60% dos entrevistados realizam compras nas proximidades. Já no Turf e no Jardim Carioca, os valores se invertem e cerca de 60% das pessoas só costumam ir ao banco e não consomem nas proximidades, o que destaca uma centralidade mais notável dos bancos do que do setor de serviços como padarias, mercados, lojas etc.

Tanto no Turf quanto no Carioca, a centralidade maior exercida pelos bancos deve-se à proximidade com o centro e à baixa presença de atividades comerciais e de serviços, bem como à falta de maior articulação das redes de transporte coletivo dentro desses bairros, cujas linhas são altamente centralizadas e voltadas ao centro (BALHAZAR, 2017). Na 28 de Março e na Pelinca, os bancos acompanham as centralidades existentes e os fluxos intensos existentes nos eixos de circulação. Goytacazes, por sua vez, ao abrigar as agências que buscam se aproveitar da centralidade comercial e de serviços e dos fluxos que atravessam a Avenida Deputado Alair Ferreira, exhibe mudanças nas práticas espaciais dos cidadãos do bairro e de bairros e distritos próximos, que deixam de ir ao centro e passam a utilizar os equipamentos bancários ali instalados.

Considerações finais

A partir das discussões trazidas neste artigo, podemos destacar alguns pontos importantes para refletir sobre o setor bancário e seus impactos espaciais. O primeiro diz respeito à relação entre evolução técnica e sua importância para o setor bancário, pois são os avanços da técnica que permitem novas formas de espacialização dos bancos pelo território; porém, a técnica se distribui de maneira desigual e essa desigualdade se reflete também nos objetos bancários estabelecidos no espaço, seja qual for a nossa escala de análise.

Na cidade de Campos dos Goytacazes, as agências se tornam cada vez menores e mais técnicas nos anos 2000, com salões de autoatendimento onde praticamente todos os serviços podem ser realizados sem a necessidade de entrar na parte de atendimento com um funcionário, porém essa distribuição das agências se dá de maneira desigual pela cidade. Este é o segundo ponto para a nossa discussão, a distribuição dos equipamentos bancários pelo espaço urbano de Campos dos Goytacazes.

O Centro ainda exerce uma grande força atrativa no que diz respeito aos serviços bancários, mas não somente nesses serviços, posto que é também o local de maior centralidade para outros serviços como os de varejo; além disso, com os equipamentos nele existentes, facilita o acesso de pessoas de outros bairros, algo constatado com cidadãos usuários de serviços bancários e residentes em lugares distantes do centro. As agências fora do centro não se distanciam tanto da área central, então não podemos falar de uma desconcentração espacial de fato, pois todas as agências (com exceção de Goytacazes) estão em um raio muito pequeno do centro.

Podemos dizer que as estratégias espaciais de localização são marcadas por uma seletividade espacial, as agências são instaladas em áreas que já possuem uma centralidade no espaço urbano, próximas aos principais eixos de circulação e que proporcionam rentabilidade aos bancos. Porém essa seletividade evidencia a grande desigualdade de distribuição das agências na cidade de Campos dos Goytacazes, deixando grande parte da população sem acesso as agências, o que implica o deslocamento de cidadãos em direção a alguma centralidade para ter acesso a serviços bancários.

O panorama que se desenha para as agências bancárias em Campos dos Goytacazes e no Brasil, com crescente modernização do setor e novas organizações espaciais das agências, parece indicar que o encolhimento e a reestruturação é um fato irreversível, principalmente pelo grande monopólio bancário existente no país, que impele os capitais a operar em uma lógica de lucro máximo. Contudo, a utilização dos serviços bancários por aplicativo ainda não é algo unânime, pois parte importante da população, por diversos motivos, não está inserida na 'era digital' dos bancos e precisa recorrer às agências - cada vez em menor número - para ter o direito à finança garantido. Isso sem contar as demais localidades que provavelmente não têm a instalação de uma agência bancária.

Em um mundo cada vez mais financeirizado, o direito ao acesso à finança para parte da população é negado e a responsabilidade de se inserir na rede bancária, que agora

se ressignifica e traz o indivíduo como o menor nó da rede através do celular, cabe ao próprio usuário, o qual terá que suprir todas os requisitos necessários para o acesso, como o celular compatível, a rede de internet, o conhecimento do aplicativo etc. É preciso encararmos o acesso à finança como um direito e o Estado como agente que pode e deve, sobretudo com os bancos por ele controlados direta e indiretamente, criar e proporcionar as condições de acesso, de modo a obstar a lógica totalmente mercadológica e que exclui grande parte da população do acesso aos serviços bancários em agências.

Referências

BALTHAZAR, Bruno S. *A espacialidade da rede de transporte público e a centralidade em Campos dos Goytacazes*. 2017, 54 f. Monografia em Geografia, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2017.

BATISTA, Henrique Ferreira. *Centro e centralidade em Campos dos Goytacazes-RJ*. 2018. 254f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2018.

BATISTA, Henrique Ferreira; FERREIRA, Jaiana Nunes Lírio; SANTOS, Leandro Bruno. O papel da acessibilidade na localização das atividades comerciais e de serviços na cidade de Campos dos Goytacazes (RJ). *Cadernos do Desenvolvimento Fluminense*, Rio de Janeiro, v. 21, p. 132-157, 2021.

BATISTA, Henrique Ferreira; SANTOS, Leandro Bruno. Campos dos Goytacazes: de uma cidade mononucleada à multi(poli)centralidade. *Brazilian Geographical Journal*, Ituiutaba, v. 9, p. 4-24, 2018.

BECKER, Berta K.; EGLER, Claudio Antonio Gonçalves. *Brasil*. Uma nova potência regional na economia-mundo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 123-168.

BOLZANI, Isabela. Grandes bancos vão fechar mais de 1.200 agências até o final de 2020. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 21 nov. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/11/grandes-bancos-vaio-fechar-mais-de-1200-agencias-ate-o-final-de-2020.shtml>. Acesso em: 21 jun. 2023.

CLAUDIO, Gláucia de Oliveira; SANTOS, Leandro Bruno. Os espaços da exclusão social na cidade de Campos dos Goytacazes - RJ. *Revista Cerrados (UNIMONTES)*, v. 17, p. 66-95, 2019

CONTEL, Fabio Betioli. *Território e finanças: técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil*. 2006. 343f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais. *Cidades*, Presidente Prudente, v. 4, n. 6, p. 62-72, 2007.

- CORRÊA, Roberto Lobato. Interações espaciais. In: CASTRO, Iná Elias et. al (Org.). *Explorações geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Uma nota sobre o urbano e a escala. *Revista Território*, Rio de Janeiro, Ano VII – n. 11, 12 e 13, p. 133-136, Set./Out., 2003
- CORRÊA, Roberto Lobato. Corporação, práticas espaciais e gestão do território. *Anuário do Instituto de Geociências (UFRJ)*, Rio de Janeiro, v. 15, p.35-41, 1992.
- DIAS, Leila Christina; LENZI, Maria Helena. Reorganização espacial de redes bancárias no Brasil: processos adaptativos e inovadores. *Caderno CRH*, Salvador, v. 22, n. 55, p. 97-117, Jan./Abr. 2009.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2006, p. 121-162.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Regiões de influência das cidades*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.
- MAIA, Gabriel; ZANLORENSSI, Gabriel; ALMEIDA, Rodolfo. Quantas são e como se distribuem as agências bancárias no Brasil. *Nexo Jornal*, São Paulo, 29 mar. 2018. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/grafico/2018/03/29/Quantas-s%C3%A3o-e-como-se-distribuem-as-ag%C3%A2ncias-banc%C3%A1rias-no-Brasil>. Acesso em: 28 jun. 2023.
- OLIVEIRA, Juliana Santos. *As lógicas espaciais do setor bancário nas cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto: da estrutura espacial concentrada à multacentralidade seletiva*. 2015. 139f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) - FCT/UNESP, Campus Presidente. Presidente Prudente, 2015.
- KASTNER, Tássia. Banco do Brasil anuncia plano para fechar agências e economizar R\$ 750 milhões. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 nov. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/11/1833958-banco-do-brasil-anuncia-plano-para-fechar-agencias-e-economizar-r-750-milhoes.shtml> Acesso em: 28 jun. 2023.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. Versão digital em PDF. 94p.
- SANTOS, Samuel Henderson Faria; SANTOS, Leandro Bruno. Reestruturas do setor bancário e dinâmicas espaciais: análise dos bancos e cooperativas de crédito em Campos dos Goytacazes entre finais do século XX e 2020. In: XX Seminário de Integração Regional, 2022, Campos dos Goytacazes. *Anais*. Campos dos Goytacazes, 2022.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Estruturação Urbana e Centralidade. In: Encuentro de Geógrafos de América Latina, 3, 1991. *Anais*. Toluca/México, 1991.

Agradecimentos

As reflexões apresentadas neste texto fazem parte de projeto apoiado pela FAPERJ.

Samuel Henderson de Faria Santos

Bacharel em Geografia pela Universidade federal Fluminense.

Rua José do Patrocínio, 71, Cep: 28010-385, Campos dos Goytacazes-RJ.

E-mail: sfaria@id.uff.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-5818-5215>

Leandro Bruno Santos

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, mestre e graduado em geografia pela mesma instituição. Atualmente é professor adjunto do Departamento de Geografia de Campos (GRC), Universidade Federal Fluminense (UFF), onde também atua como docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Geografia. Bolsista Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE) pela FAPERJ e Bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo CNPq Nível 2.

Rua José do Patrocínio, 71, Cep: 28010-385, Campos dos Goytacazes-RJ.

E-mail: leandrobruno@id.uff.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9163-8568>

Recebido para publicação em janeiro de 2023.

Aprovado para publicação em julho de 2023.